

A Identidade do Grupanalista (e/ou Psicanalista) em Tempos de Mudança¹

João Azevedo e Silva

Médico Psiquiatra. Membro Didacta da Sociedade Portuguesa de Grupanalise.

Minhas Senhoras, Meus Senhores, Estimados Congressistas Brasileiros e Portugueses:

O tema “Tempos de Mudança” e suas repercussões sobre as Psicoterapias Psicanalíticas, Grupanalise e Psicanálise e nos seus cultores é um tema escaldante que me interessa desde há longos anos. Recordo, por exemplo, o meu escrito de 1985 “Psicoterapia de Grupo e Grupanalise – Um Discurso de Método (Palestra na SPG, Auto-Clube Médico, 31/05/85 Lisboa) e também a minha intervenção no nosso V Congresso Luso-Brasileiro sobre Sociedades Espectáculo e Grupanalise e o reflexo destas sobre a nossa maneira de trabalhar (V Congresso Luso-Brasileiro de Grupanalise e Psicoterapia Psicanalítica de Grupo – Rio de Janeiro ; 12/13/14 Nov.99). E como tema escaldante que é daria margem tanto para longas e densas intervenções como ricas controvérsias, etc..! Provavelmente será o que irá acontecer neste Congresso – embora a leitura do programa me dê a impressão de que o assunto periga por ficar um pouco marginalizado. Mas havendo vários prelectores, por força das imposições programáticas e gosto de não aborrecer vou tentar ser tão breve e lúdico “quanto me seja possível”, socorrendo-me, para o conseguir, de uma espécie de processo de “rêverie” a que tenho recorrido muitas vezes e que alguns de Vós, provavelmente, já conhecem de outras participações minhas em Congressos e Encontros: é ele o de deixar quando me proponho abordar um tema que me sugestiona deixar, dizia que aquilo que me apetece chamar de “meu inconsciente preconscious lúdico” venha à superfície e se manifeste, trazendo-me à Mente conteúdos que não raras vezes causam uma certa surpresa ao meu próprio consciente.

Por exemplo: foi o que aconteceu, quando ao tentar elaborar certos escritos me socorri do “Meu Pé de Laranja Lima” de J. Mauro de Vasconcelos; ou da canção “O Cais” de Elis Regina e Milton Nascimento; ou de um bailado e cantares do Grupo River Dance; ou da Personagem do General Kutuzov da “Guerra e Paz” de Leon Tolstoi... etc... etc. Desta vez igualmente apelei para essa forma – chamaremos lhe de inspiração, mas o impulso de “rêverie” vindo do inconsciente foi-me bastante surpreendente e mesmo inquietante: “As Fábulas de La Fontaine”, especialmente uma delas, a do Leão que vai à caça com um burro.

Segunda surpresa (para mim): Numa terceira edição das obras completas de Bocage (1851), descobri que esse grande Poeta Português (15/09/1765 – 21/12/1805; 40 anos) traduzira várias fábulas de La Fontaine (1668-1694).

¹ Conferência apresentada no X Congresso Nacional da SPG e X Encontro Luso-Brasileiro de Grupanalise e Psicoterapia Psicanalítica de Grupo, Lisboa, 19-21 de Novembro de 2009, Lisboa.

Terceira surpresa acompanhada duma certa inquietação foi: porque razão o inconsciente me trazia à Mente uma das fábulas saída da pena de La Fontaine, por Bocage: A do Leão que vai à caça com o burro. Esta fábula da dupla La Fontaine-Bocage, e “arranjada” por mim, põe em causa o que são mudanças válidas frente a pseudo-mudanças alienatórias. Na realidade ela reza assim, sumariamente: O leão resolve ir a caça e convidou o burro porque este, com o seu zurrar altissonante, aterrorizaria os animais que, fugindo apavorados iriam cair nas garras do Rei da Selva em Espera. Ora os proveitos da caça teriam sido grandes levando o Burro a vangloriar-se, pensando que os seus zurros eram a substância fundamental dos sucessos conseguidos e não apenas um episódio que equivocara os fugitivos brutos e alienados.

É esta a essência dos conceitos alternativos que podem ser atribuídos ao epíteto “Tempos de Mudança”.

De facto a frase “Tempos de Mudança” tem sinteticamente, no mínimo, duas leituras possíveis: Uma revolucionária, adoptando para o termo a formulação do nosso estimado D. Zimerman (1999), a saber: “re-evolucionário”, é aquilo que estimula e activa o evoluir positivo dum processo que esteja algo estagnado. A outra leitura abarcaria propostas de aparente mudança de Forma e Conteúdo mas que na realidade são proposições coloridas, de manutenção do status quo sócio-cultural se bem que com novas mascaras; alguma coisa como o zurrar do Burro que julga que o seu zurro é a essência primeira de sucesso-matança (ou pseudo mudança).

Para melhor me explicar vou dar alguns exemplos simples:

Verbi-gracia – Barak Obama, Presidente actual dos E.U.A e sobre o qual caem os olhares esperançados duma grande parte do mundo. Bom! Pergunto: vai ele conseguir introduzir no seu pais-e-noutros-alterações de fundo ou terá de se ficar apenas por uma mudança de cor, sem tocar verdadeiramente na estrutura socio-económica ali imperante o sacrossanto liberalismo de mercado; ou seja: conseguirá ele uma mudança re-evolucionária ou apenas colorida?

O que me recorda as reflexões de Jean Paule Sartre em “A engrenagem”; ou de Eduardo Galeano no livro “De pernas para o ar a escola do mundo às avessas”; como não deixo de ter curiosidade sobre o que dirá Luís Racionero em “O Progresso Decadente”; e já agora lembro o clássico “Admirável Mundo Novo” de H.J.Wells.

Mas adiante...

Outro exemplo – O Mito da Virgindade sobretudo feminina nas formulações culturais predominantes nas civilizações ditas ocidentais (e Portugal em particular); isto para não ir mais longe até ao “Oriente” dos muçulmanos ortodoxos e talibãs, entre outros.

Parece hoje haver realmente um abalar revolucionário do mito da virgindade a nível sócio-cultural; mas ao nível da rapariga concreta que o vive, bem como dos seus familiares próximos, o que é que se passa? E com que pertinência este abalar revolucionário será? - Se nos impõe: ainda recentemente uma jovem cliente minha que me punha a problemática de passem a expressão – transitar de cama para cama sendo logo abandonada; de tal modo o fazia que me levou a perguntar-lhe: mas estas passagens e abandonos não terão a ver com a Alice ser “um pouco pastelona” na cama?

Ao que ela me respondeu: O Dr. está a ser um pouco antiquado, não lhe parece?!

Pensei, Será? O que me exigiu reflexão assumida quanto ao meu contra-transfer e preconceito. Mas não me impedi de lhe comentar e isso é que era o importante ali: Se estou a ser antiquado ou não, não é o principal pensei; o importante é a Alice saber se está a ser reactiva em relação àquilo que acha antiquado... ou se, amadurecendo está lidando com a sua sexualidade de modo realmente livre e sem sofrimento e culpabilidade? Perguntas que a mim mesmo me ponho também.

E o que dizer sobre o Mito e Mistificação da problemática homossexual e casamento gay? Mas, adiante...

E ainda – Todos os dias ouvimos frases como esta: “ Os desafios que a entrada na Europa nos poe...” O próprio Obama usou a palavra challenge que é muito semelhante a desafio para referir as suas inquietações propostas à data da eleição como Presidente dos E.U.A.

Pois “desafio” significa segundo o clássico dicionário de Cândido Figueiredo Provação; e Challenge – segundo o Dicionário de Carolina Michaelis – Desafio, disputa de concorrentes...

Ora as relações entre os Europeus e as de Obama com o Mundo não deveriam pôr “desafios” mas sim levantar problemas reais muito difíceis de resolver com acerto.

Parece sem importância mas não é: passar da palavra “Problemáticas” para “Desafios” é mudar caprichosamente e sem ingenuidade os “Conceitos” normativos da acção. É deixar de enaltecer a necessidade e vantagem da reflexão sobre o inter-câmbio socio-cultural dos Povos para sublinhar “o desafio, a competitividade, a querela entre as nações as quais se afirma desejar pôr em convívio fraterno. É pois alienar intencionalmente.

Alguém disse um dia: dividir para governar.

Pois bem!!

Neste tempo, nós – e não apenas Nós – Grupanalistas, Psicanalistas, Psicoterapeutas de Inspiração Psicanalítica, encontramos-nos debaixo dum fogo cerrado destes ditos Tempos de Mudança... Como Freud o esteve, como M. Klein, como Bion (que chegou a ser rotulado de “esquizofrénico”)como Eduardo Luís Cortesão, acusado de cultivar com os seus grupos, “o chá pornográfico das cinco”; como tantos outros...

Portanto a problemática actual – mas talvez de todos os tempos – que se nos põe será: Quando é que estamos face a propostas de mudança revolucionárias como as define Zimerman (1999) e então temos e devem adaptarmo-nos e colaborar activamente na prossecução do Processo... Ou quando estamos frente a propostas alienatórias de pseudo-mudanças que não tocam o fundo essencial das questões...

Em suma: temos a necessidade de ajuizar quando estamos frente a projectos de acção, no sentido psicanalítico do termo, ou face a face com passagens ao acto de descargas abereactivas cunhadas por modas pouco substanciais.

É isto que proponho para vossa reflexão.

E disse

Sto. Est.

Bibliografia

- Galeano E (2002) De pernas para o ar a escola do mundo às avessas. Ed. Caminho.
- La Fontaine J (1668-1694) As Fábulas de La Fontaine. In Rimas de Manoel Maria de Barbosa Du Bocage. Tomo 1, 1851, Lisboa.
- Michaelis C (1932) Dicionário da língua portuguesa. Leipzig/FA Brockhaus.
- Racionero L (2009). O Progresso Decadente. Fim de Século; Lisboa
- Sartre JP (1964) A engrenagem. Editorial Presença.
- Zimerman DE (1999) Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica. Artmed, Porto Alegre.
- Wells HJ. Admirável Mundo Novo.